



# Sesc tv

EDIÇÃO N.112 / JULHO DE 2016

MÚSICA

## **O MANGUEBEAT E A NAÇÃO ZUMBI**

SUPER LIBRIS  
AFINAL, TEATRO  
É LITERATURA?

SONORA BRASIL  
O ACORDEOM COM  
SOTAQUE DO SUL

# Produto Perecível Laico

Cia. Borelli de dança

**22/7 | sexta | 21h**

Foto: Divulgação



Assista online:  
[sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)



/SEECTV

## índice

### DESTAQUES

- 4 A música nascida do manguê
- 6 Teatro, uma arte para ver e ler
- 7 Chutes no ar e pressão ao telefone
- 7 Acordeom com sotaque do sul

### ENTREVISTA

- 8 Paulo Henrique Fontenelle: O cinema sem regras

### ARTIGO

- 12 “Experiências de produção audiovisual na educação: breves observações” por José Roberto Severino

### ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



### capa

Encontro de Maracatus na Casa da Rabeca.

Foto: Prefeitura de Olinda

## editorial

# Encontros improváveis

**Danilo Santos de Miranda**

Diretor Regional do Sesc São Paulo



Podemos entender a cultura a partir da metáfora da esquina, o local por excelência dos encontros inusitados, das intersecções, dos agrupamentos e das reconfigurações. É a partir da esquina que outros caminhos se vislumbram, que novos horizontes se desenham. A esquina é o lugar do por vir, dos diálogos e dos conflitos, da busca pelo novo e do contraditório. De junções improváveis, das perguntas descabidas.

Qual o resultado da mistura da cultura do manguê com o rock? Esta foi a pergunta motivadora de um grupo de jovens artistas de Recife que, no início dos anos 1990, criou o *manguêbeat*. Um dos maiores expoentes do movimento foi a banda Nação Zumbi, fundada por Chico Science. Neste mês, o SescTV exhibe show inédito da banda, gravado em 2014, no Sesc Santo André.

Outro destaque do canal é o episódio da série *Super Libris Teatro é Literatura?*, que discute as artes cênicas como gênero literário. A série Sonora Brasil apresenta o duo de acordeonistas do Sul e Sudeste do país Ferragutti e Kramer.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o documentarista Paulo Henrique Fontenelle, que fala sobre sua trajetória no cinema. O artigo do professor José Roberto Severino trás à tona aspectos da educação. Boa leitura! ●

# A música nascida do mangue

Surgida no Recife, nos anos 1990, a banda Nação Zumbi apresentou ao mundo o mangubeat, mistura de ritmos consolidados com a cultura popular pernambucana



Show da banda Nação Zumbi, durante o Festival Bataque 2014

“Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto!” A frase de socorro compõe o *Manifesto Caranguejos com Cérebro*, escrito em 1992 por Fred Zero Quatro, líder da banda recifense Mundo Livre S. A. Além de apresentar o conceito de mangue, principal ecossistema que contorna a costa pernambucana, o texto traçava um panorama da cena cultural apática da capital, no início dos anos 1990, e acendia a chama do

movimento *mangubeat*. Segundo o mesmo manifesto, era preciso devolver o ânimo, deslombotomizar e recarregar as baterias da cidade, injetando um pouco de energia na lama e estimulando o que ainda restava de fertilidade nas veias da *manguetown* Recife.

Uma antena parabólica enfiada na lama do mangue. Esse era o símbolo do movimento que passou a conectar pessoas e discutir o que estava

## O MOVIMENTO MANGUEBEAT É DESTAQUE NO SESCTV, COM SHOW INÉDITO DA BANDA PERNAMBUCANA NAÇÃO ZUMBI



FOTO: ALEXANDRE NUNIS

sendo produzido no mundo, além de buscar o resgate e a valorização da cultura local, nas batidas do maracatu, do frevo, do coco, misturando-as aos acordes das guitarras e sintetizadores eletrônicos. A nova energia não só revigorou a cena musical de Pernambuco, com o surgimento de uma centena de bandas, mas também impulsionou artistas em outras áreas, como moda e audiovisual, que incorporaram em seus trabalhos a estética do mangue.

**DA LAMA AO CAOS** O *manguebeat* uniu o rock, o pop, o rap e o funk a ritmos pernambucanos e inseriu a cidade de Recife no cenário mundial, como uma das metrópoles latino-americanas de maior importância cultural. O maior expoente do movimento foi Chico Science. Nascido em Olinda, o cantor e compositor foi um dos principais colaboradores do *manguebeat* e liderou a banda Chico Science & Nação Zumbi, uma das pioneiras do estilo. Com ela, gravou apenas dois álbuns, *Da Lama ao Caos* e *Afrociberdelia*, ambos incluídos na lista dos cem melhores discos de música brasileira da revista *Rolling Stone*.

Chico, considerado um dos mais importantes músicos brasileiros, morreu em 1997, aos 30 anos, em um acidente de carro numa das vias que ligam Olinda a Recife. Mesmo com sua morte, movimento e banda seguiram. Os vocais da Nação Zumbi foram assumidos por Jorge dü Peixe, que já tocava alfaia, um instrumento de percussão, e compunha junto com Chico. “Não me lembro de nenhuma letra que Chico tenha escrito e não tenha mostrado para Jorge dar um parecer”, conta o guitarrista da banda Lúcio Maia. “Existia uma química muito forte entre eles. Quando Jorge pegou o vocal, já estava com a parada dele.” O grupo ainda conta com os músicos Dengue, no baixo; Pupillo, na bateria; Toca Ogan, na percussão; e Gilmar Bollas e Tom Rocha, nas alfaias. Com 25 anos de carreira, a Nação Zumbi influenciou vários artistas brasileiros, como Otto, Cássia Eller, Arnaldo Antunes, além das bandas Planet Hemp, O Rappa, Cordel do Fogo Encantado, Mombójó, entre outros que regravaram suas canções. O SescTV apresenta neste mês o show da Nação Zumbi, gravado durante o Festival Batuque 2014, no Sesc Santo André. No repertório, sucessos como *Meu Maracatu Pesa uma Tonelada*, *Manguetown*, *Quando a Maré Encher* e *Da Lama ao Caos*. ●



**NAÇÃO ZUMBI,  
DIA 13, 22H**

Direção: Camila Miranda.

Classificação indicativa: 10 anos.



Veja o teaser do show:





FOTO: PIU DIP

## Teatro, uma arte para ver e ler

Escritora e dramaturga brasileira investiga as relações entre teatro e literatura em episódio inédito da série Super Libris

Teatro é literatura? Para a escritora, dramaturga, poetisa e tradutora Renata Pallottini, sim. Teatro, nesse caso, seria uma forma de literatura escrita que promove um ponto de partida, um roteiro inicial que está sujeito a intervenções, seja do diretor ou dos atores.

Nascida em São Paulo, em 1931, Renata cursou Direito, Filosofia e Dramaturgia. Escreveu e produziu trabalhos para teatro e televisão, entre os quais a série de TV Vila Sésamo. Publicou livros de poesia, prosa e teatro, foi professora universitária e ministrou cursos de dramaturgia no Brasil e no exterior.

Segundo a dramaturga, existem peças teatrais cuja leitura é mais prazerosa devido à construção facilitada e estilo do texto, enquanto outras dependem mais da

encenação: “Shakespeare, por exemplo, é um extraordinário prazer de ler, enquanto que algumas coisas mais contemporâneas, ou até mesmo de Brecht, precisam muito do espetáculo.”

Em relação às diferenças dramáticas entre romance e teatro, Renata explica que a peça teatral prescinde de descrições, porque é o cenário, luz, figurino e a maneira como os atores se comportam que dão essas dimensões. Já “o drama é mais concentrado no diálogo e no que os personagens vão fazer pra avançar no mundo dramático”, conclui.

As reflexões sobre teatro como literatura são tema do episódio inédito da série Super Libris. O programa entrevista Renata Pallottini, que fala também sobre seu processo de produção. ●



**SUPER LIBRIS  
TEATRO É  
LITERATURA?  
DIA 25, 21H.**

**Direção: José  
Roberto Torero.**

**Classificação: Livre.**

FOTO: DIVULGAÇÃO



## Chutes no ar e pressão ao telefone

**DIA 7, 22H. Estilhaços.** Direção: Kiko Goifman.  
Classificação: 12 anos.

┌

Tensão profissional. “Quando um dublê é contratado, o diretor, muitas vezes, esquece que está lidando com um ser humano. Acha que pode rodar uma cena de atropelamento quinze vezes com a mesma pessoa”, revela o coordenador de dublês Rodger Sena. Segundo ele, em produções nacionais, esses profissionais são tratados como figurantes. Esse é o caso de Juliana Beltrão. A jovem aponta que muitos diretores não costumam sequer se preocupar com itens de segurança: “Como eu vou me jogar na frente de um carro sem equipamento?” Pressão no trabalho é o que sente também Luciana dos Santos, coordenadora de um *call center*. Ela conta que já trabalhou em uma empresa cujas ligações eram feitas por um sistema informatizado. “Terminava uma, vinha a próxima e assim era o dia todo. Cheguei a fazer 150 chamadas em um único dia”. A pressão no ambiente de trabalho, como o de dublês e atendentes de telemarketing, é tema de episódio inédito de Estilhaços. ●

FOTO: GAMBHIRA PHOTO ART



## Acordeom com sotaque do Sul

**DIA 9, 19H30. Sonora Brasil.** Direção para TV: Romi Atarashi. Classificação: Livre.

┌

A versatilidade do acordeom permite ao instrumento diversas possibilidades de execução e a reprodução de vários sotaques por todo o mundo. No Brasil, o instrumento traduz a multiplicidade de culturas e ritmos existentes de Norte a Sul. “O acordeom no Rio Grande do Sul é o instrumento número um”, afirma Bebê Kramer. Nascido em Vacaria, no interior gaúcho, o músico começou tocando em tertúlias e saraus. Apesar da popularidade de seu instrumento, ele aponta que são raras as propostas de músicas de concerto e duos e que quase não existem composições para um instrumento como o dele, que considera completo. “Quando você toca uma peça para acordeom solo, não falta nada. Então, quando você se une para fazer um duo de acordeom, você tem que ter muito cuidado com isso, para não ficar sobrando informação”, conta Kramer que, junto a seu parceiro paulista Toninho Ferragutti, apresenta composições de concerto em episódio inédito da série Sonora Brasil. ●

**PAULO HENRIQUE FONTENELLE. ROTEIRISTA E DIRETOR DE CINEMA.**

Documentarista revela os processos de criação de cinebiografias de ícones do rock brasileiro

## O cinema sem regras



Paulo Henrique Fontenelle sempre foi fissurado por cinema e sabia, desde sua adolescência, que era com isso que queria trabalhar. Diante do cenário cinematográfico difícil, com a extinção da Embrafilme, durante o governo Collor, optou por estudar Rádio e TV, depois Jornalismo, chegando ao Cinema somente na fase da retomada, em 1995. Trabalhou como assistente de montagem em filmes como *OLÉ!* e *Beline e a Esfinge*, aprendeu sobre direção e produção e principalmente como fazer filmes com pouco dinheiro. Foi editor e diretor de programas de TV e DVDs musicais. Em 2006, escreveu e dirigiu o curta-metragem *Mauro Shampoo*, que recebeu mais de 20 prêmios no Brasil e no exterior. Foi premiado também em seu primeiro longa-metragem *Loki - Arnaldo Baptista*, a biografia de um dos integrantes fundadores da banda Mutantes, e seguiu na direção documental com *Dossiê Jango*, sobre a morte do presidente João Goulart, e *Cássia*, que conta a história de uma das mais importantes representantes do rock brasileiro, Cássia Eller.

### Como foi a escolha pela linguagem documental em seus trabalhos?

Na verdade foi meio por acaso. Em 2004, eu queria fazer um filme de ficção, mas estava sem dinheiro. Conversei sobre isso com meu amigo Leonardo Cunha Lima e juntos decidimos que, se fizessemos um documentário, teria de ser dentro do orçamento. Fariamos então um curta documentário, mas com uma história que, de tão surreal, parecesse ficção. Daí surgiu *Mauro*

*Shampoo - Jogador Cabelereiro e Homem* sobre a história do atacante do Ibis Sport Club que entrou para o *Guinness Book* como o pior time de futebol do mundo. O filme acabou ganhando mais de 20 festivais e logo depois eu já estava fazendo meu primeiro longa *Loki*, que também contava uma história totalmente cinematográfica que daria um ótimo filme de ficção.

### Como você avalia o espaço do documentário na TV e no cinema brasileiro?

Fico feliz em ver que todo o preconceito que existia com o documentário brasileiro é coisa do passado. Hoje em dia o gênero vem ganhando cada vez mais público e sendo produzido cada vez com mais qualidade por pessoas com visões e estilos diferentes. Ainda existe o problema da distribuição e da permanência dos filmes nas salas de cinema. Mesmo assim, ele tem conseguido alcançar um número cada vez maior de pessoas seja na TV, nos VODs (vídeos *on demand*) ou nas plataformas digitais. Isso é certamente um grande estímulo para a produção.

### As plataformas digitais podem contribuir para a divulgação dos documentários?

Acho que o melhor lugar para se ver um filme sempre será numa sala de cinema, mas, na impossibilidade disso, sem dúvida alguma as plataformas digitais têm sido um espaço excelente de exibição e divulgação dos documentários. Isso é ótimo não somente para o cineasta





**RAIO-X**

**PAULO HENRIQUE FONTENELLE, RIO DE JANEIRO (RJ)**

**Formação**

Rádio e TV,  
Jornalismo e Cinema

**Alguns trabalhos**

- Mauro Shampoo (2006)
- Loki - Arnaldo Baptista (2008)
- Dossiê Jango (2012)
- Cássia (2014)



**“A melhor coisa do cinema é que não existem regras.”**



**“Para mim, não existe sensação melhor do que a de assistir a um filme que te acompanhe para além da sala de cinema, que gere discussões, pensamentos e inspirações.”**

**“Fico feliz em ver que todo o preconceito que existia com o documentário brasileiro é coisa do passado.”**

»»

que quer divulgar seu filme como também para os amantes do cinema que agora têm a possibilidade de conhecer obras dos mais diversos estilos e nacionalidades a que no passado jamais teríamos acesso. Eu, como produtor e diretor, ainda não tenho nenhum projeto exclusivamente pensado para plataformas digitais, mas fico empolgado com a possibilidade.

### **Como você escolhe os temas para seus trabalhos?**

Eu gosto de temas que estimulem a reflexão e a emoção do espectador. Para mim, não existe sensação melhor do que a de assistir a um filme que te acompanhe para além da sala de cinema, que gere discussões, pensamentos e inspirações. É pensando nisso que eu busco os temas.

### **O que o fez mergulhar no universo de músicos, como Arnaldo Baptista e Cássia Eller, e levar suas biografias para o cinema?**

Foram casos diferentes. O *Loki* surgiu a partir de uma entrevista que fiz com o Arnaldo para um programa de televisão. Quando conheci o artista, fiquei fascinado com a sua personalidade e com sua história de vida. Fiquei impressionado como uma pessoa daquela importância na nossa cultura vivia em quase completo esquecimento. Era uma história que merecia ser contada. Já *Cássia* foi meu terceiro filme e partiu da minha curiosidade de conhecer um pouco sobre aquela cantora que emocionou tanta gente, mas que era completamente desconhecida fora de sua persona no palco. Essa dualidade entre a roqueira selvagem e a menina tímida me encantava. Mas ambos os filmes vão além de seus personagens e de suas obras para abrir discussões como preconceito, amor e a necessidade de valorização de nossos artistas e de nossa cultura.

### **Como se dá a construção de um filme sobre um músico? Qual a premissa utilizada, o ponto de partida?**

Cada filme tem a sua particularidade. No caso do *Loki* o ponto de partida veio da ideia do Arnaldo pintar um quadro sobre sua vida. No caso do filme da Cássia, veio através de cartas que ela deixou, além de suas músicas. O ponto de partida é sempre tentar fazer com que o espectador consiga enxergar o mundo através dos olhos do artista biografado.

### **É possível fugir da narrativa cronológica em uma cinebiografia?**

A melhor coisa do cinema é que não existem regras. Cada filme pode ser feito de várias maneiras e vários olhares diferentes. A cronologia muitas vezes ajuda o espectador a entender melhor a história, mas não é e nem deve ser uma obrigatoriedade.

### **Quais as são semelhanças e diferenças ao biografar um personagem vivo e um que já morreu?**

São experiências bem diferentes. Por exemplo, enquanto produzia o documentário *Loki*, fui conhecendo o Arnaldo através do convívio com ele, das conversas e entrevistas que fiz. Já para a produção do filme sobre a Cássia Eller, tive que ir desvendando sua personalidade através daquilo que ela deixou, através de entrevistas, cartas e músicas e também das histórias que os outros contavam sobre ela. Foi muito mais difícil e desafiador.

### **Em 13 de julho é comemorado o Dia Mundial do Rock. Como o rock é retratado no cinema e na TV?**

Eu, como amante incondicional do rock, estou sempre atento e querendo consumir todo tipo de



## FONTENELLE EM TRÊS MOMENTOS

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *Loki - Arnaldo Baptista* (2008)



■ *Dossiê Jango* (2012)



■ *Cássia* (2014)

filme sobre o tema. O cinema tem sido muito feliz em retratá-lo. Temos grandes documentários e cinebiografias sendo produzidas todo ano. Assisti recentemente às biografias da cantora Amy Winehouse e do Brian Wilson, fundador da banda americana *The Beach Boys*. Gostei muito de ambas e estou doido para assistir ao documentário sobre o Oasis que está sendo produzido. Mas, para mim, os filmes dos Beatles ainda continuam imbatíveis. Eles são uma fonte inesgotável de personagens e histórias. *Rock'n Roll will never die*.

**Nos últimos anos, várias cinebiografias foram lançadas, sobretudo de artistas da música. É possível traçar um panorama na produção dos documentários musicais?**

Essa onda de documentários musicais explodiu a partir de 2008. Eu me lembro que, quando comecei a filmar o *Loki*, ainda não havia essa tendência. Mas quando o filme estreou em 2008, no Festival do Rio, oito dos dez documentários que competiam eram sobre músicos. O Brasil tem essa vantagem, pois além de ter uma infinidade de movimentos musicais, de cantores e de músicos, as histórias de vida desses artistas são tão fantásticas e inspiradoras quanto suas obras. Mais do que isso, a história de cada uma dessas pessoas se confunde com a história de uma época e de nossa sociedade. Por isso é uma fonte inesgotável. A música tem um dom de transportar para uma época e reativar na mente do espectador lembranças de momentos e de emoções vividas. Ninguém assiste ao mesmo filme da mesma forma. Por isso, quando uma pessoa vai assistir a um documentário sobre a Cássia Eller, por exemplo, acaba vendo um pouco da sua história também.

**Quais são seus próximos projetos?**

Tenho algumas ideias engatilhadas e no momento estou planejando um documentário policial, mas, sempre que tiver a oportunidade de trabalhar com música novamente, não pensarei duas vezes. ●

# Experiências de produção audiovisual na educação: breves observações

José Roberto Severino é Doutor em História pela USP, professor da FACOM/UFBA, pesquisador do CUL/UFBA e DIVERSITAS/USP

por José Roberto Severino foto Visualhunt

As experiências contemporâneas de produção audiovisual na educação são tantas que seria impossível abordá-las neste breve relato. Tema abrangente e quase inesgotável, o *boom* que vivemos de imersão digital promove o que Michel Maffesoli define como saturação, um fenômeno desencadeado recentemente com o desenvolvimento da microeletrônica, das tecnologias da informação e a popularização dos meios comunicacionais. O resultado disso é que estamos imersos em uma sociedade cada vez mais midiática, seduzidos por imagens em movimento, sons e apelos espetaculares em cada canto de nossa vida. Nas últimas décadas a internet e os dispositivos móveis passaram a fazer parte da socialização da geração dos chamados nativos digitais. A redes sociais digitais ampliaram *ad infinitum* o pátio do colégio como espaço de trocas entre os jovens. A escola não haveria de escapar disso.

Claro que o fascínio pela potencialidade do uso direto do rádio, do cinema e mais tarde da TV tocaram educadores como Roquette-Pinto e Anísio Teixeira, preocupados com o Brasil profundo, com pouco acesso à informação e tolhidos em sua cidadania desde o início do século XX. Muitas experiências com programas de rádio ou com filmes de rolo, projetados em espaços especiais, foram realizadas no Brasil desde os anos 1930. Ainda caras e restritas a alguns circuitos escolares, essas experiências

eram produzidas por especialistas que levavam para a escola a produção documental sobre temas e situações específicas. Assistia-se ao ritual do Kuarup – homenagem aos mortos ilustres celebrado pelos povos indígenas da região do Xingu, no Brasil – em uma escola de São Paulo. Transmitia-se uma aula para alunos em Monte Santo, no sertão baiano. O movimento Escola Nova e mais tarde as pastorais pela educação no campo se utilizaram dessas e outras modalidades, como os slides, imagens expostas quadro a quadro, que ofereciam uma portabilidade maior, com projetores mais leves. Associados aos gravadores com fita magnética, permitiam a junção imagem e som, e diversos programas de educação apostaram nessa tecnologia animadora das práticas educacionais. A fita magnética levou a TV e os vídeos para a rotina de alguns professores. Alguns programas de rádio, de inspiração no educador, radialista e escritor argentino Mario Kaplun, tinham produções locais, replicadas em fitas K7, e circulavam em escolas improvisadas pelos interiores do Brasil e da América do Sul.

Contudo, a produção do audiovisual educacional ainda tinha mão única e, com raras exceções, vinha pronta. Serviam de apoio ao professor, eram ilustrativas e na maioria das vezes produzidas por especialistas. Com o cineasta e etnólogo francês Jean Rouch, aprendemos a pensar a produção audiovisual

de forma compartilhada. No Brasil, o exemplo vinha da UNE-Volante, produzindo documentários que faziam denúncias da realidade brasileira da fome e da miséria espalhadas pelas periferias e sertões, e desconhecida pela maioria da população.

Embora saturada pela informação e pela tecnologia, a qualificação dos processos pedagógicos para essa nova realidade nas redes públicas de ensino segue como um desafio. A formação de professores capazes de lidar com a produção de audiovisual na escola como fator de promoção da cidadania ganhou força em meados dos anos 1980, principalmente com uma modalidade especial no campo do conhecimento: a educomunicação. Foi ainda nessa década que a Lei de Diretrizes e Bases e em seguida os novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmaram a necessidade da reorganização curricular levando em conta os saberes locais, lançando mão das tecnologias disponíveis.

O Observatório das Culturas Populares, projeto da Agência Experimental, e a Atividade Curricular em Comunidade Memória e Audiovisual, ambos da Faculdade de Comunicação da UFBA, vêm desenvolvendo a formação e reflexão crítica sobre a mídia e o incentivo à criação e uso cidadão da comunicação em comunidades escolares. São projetos de formação em audiovisual em unidades de ensino público do Estado da Bahia, com o objetivo da capacitação de professores, lideranças e adolescentes das comunidades em torno de escolas em distritos e municípios da Bahia. Desde 2010, é possível vislumbrar a dimensão de cultura na perspectiva de seus múltiplos agentes, bem como os aspectos complexos nas dimensões simbólica, econômica e institucional presentes na produção do audiovisual educacional.

Ferramenta de dizer de si, promove algo semelhante a um novo letramento, ou uma nova escrita. Inscrição de si – indivíduos

e coletivos – na dinâmica de produção de conhecimento. Não como cineastas, documentaristas profissionais, mas como atores e copartícipes dessas narrativas locais, antes ausentes nas metanarrativas da nação. As oficinas propiciam atuar em espaços de comunicação, cultura e educação, e desenvolvem a possibilidade de (re)conhecer valores culturais da comunidade através das ferramentas da comunicação. Isso é possível através da participação desses professores, crianças e jovens em oficinas que promovem o ensino de técnicas que permitem a produção de conteúdos midiáticos para as novas mídias.

O uso de material audiovisual e de comunicação comunitária permite a formação de acervos importantes para diagnósticos e ações focadas em cada comunidade eleita, operacionalizando um Programa de Formação Continuada e qualificação nas práticas educacionais inovadoras dos professores da rede pública baiana. As ações de pesquisa já desenvolvidas apontam para materiais didático-pedagógicos voltados para o ensino a partir da diversidade cultural (artes visuais, fotografia, audiovisual) e ambiental (água, biodiversidade, impactos antrópicos) na escola de ensino básico. Mas não apenas. Artes dramáticas, música, memória, ciência no cotidiano. O uso de celulares, cada vez mais versáteis e convergentes em suas mídias, demonstra a potência nas mãos de cada estudante, plenos de habilidade no uso dessas ferramentas. O papel do educador aqui é entender esse novo letramento, e replicar o ativismo cidadão. *Software* livre, códigos abertos, *creative commons*, direitos ao acesso, redes sociais como espaço de trocas solidárias, enfim, interações positivas na ambiência web. Conexão e cidadania. Produtores de conhecimento em âmbito local. E se a escola não poderá escapar da saturação contemporânea, poderá ao menos dar condições para trincheiras de resistência de nossas identidades. ●



dia 15, 23h

**PERNAMCUBANOS – O CARIBE QUE NOS UNE.** Direção: Nilton Pereira. Classificação: Livre.

As semelhanças religiosas, musicais e culturais entre Brasil e Cuba são maiores do que se pensa. Parte do Caribe Cultural, os dois países guardam o sincretismo e os rituais religiosos de origem africana nas suas histórias e em seu dia a dia. Para provar as semelhanças culturais entre as regiões, uma artista e mãe de santo pernambucana viaja para Cuba enquanto uma atriz e diretora de teatro cubana vai para Pernambuco. O documentário faz parte da programação especial Caribe Cultural ao longo do mês.

festival literário

**SUPER LIBRIS NO ENCONTRO NA MANTIQUEIRA**

Direção: José Roberto Torero.  
Classificação: Livre.

A série Super Libris integrou o Encontro na Mantiqueira – Literatura em Foco, realizado nos dias 17 e 19 de junho, na cidade de São Francisco Xavier, em São Paulo. Episódios da série foram exibidos durante todo o dia 18, contribuindo para a ampliação do debate sobre o tema.

dia 13,  
21h30

**GERMAN LORCA**

Direção: Cacá Vicalvi.  
Classificação: Livre.

No episódio da série Artes Visuais, o fotógrafo German Lorca é retratado a partir de sua exposição *German Lorca Fotografias: Acontece ou Faz Acontecer?*, que esteve em cartaz no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 2012. “As minhas fotografias têm sempre mais humildade. Não é fotografia requintada com luxo, mas de gente simples e coisas da cidade”, comenta o artista que, segundo ele, fotografava o que achava bom. Lorca ainda acrescenta que “a foto nasce primeiro no olhar. Tem que ter um olhar educado. A gente educa o olhar para ver as formas”.



FOTO: GERMAN LORCA



dia 27,  
22h

**FESTIVAL NUBLU:  
CHRIS DAVE E ILHAN  
ERSAHIN'S ISTANBUL  
SESSIONS**

Direção para TV: Camila  
Miranda. Classificação: Livre.

A banda nova-iorquina *Ilhan Ersahin's Istanbul Sessions* e o baterista Chris Dave apresentam repertório de jazz, hip hop e pop em show do Nublu Jazz Festival, gravado em março do ano passado, no Sesc Pompeia. Para o trompetista Keyon Harrold, música é a comunicação do 'não dito': "Música é vida, é a vibração como vivemos, como nos olhamos todos os dias. É a vida, é a comunicação, é experiência, é espiritualidade", define.

dia 31, 21h30

**ICONILI**

Direção: Carlos Zen. Classificação: Livre. A banda Iconili apresenta o álbum *Piacó no Instrumental Sesc Brasil*. Formado por 12 instrumentistas, o grupo nasceu em 2006 na ideia de fazer música dançante com raízes na África e sonoridades brasileiras. Com um método de composição colaborativo, a big band apresenta os ritmos ancestrais e as tendências do futuro, com um aporte de jazz, rock, afrobeat, funk, samba e carimbó.



FOTO: PIU DIP



**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

**COORDENAÇÃO GERAL**

Ivan Giannini

**SUPERVISÃO GRÁFICA**

Hélcio Magalhães

**REDAÇÃO**

Adriana Reis e João Cotrim

**EDITORIAÇÃO**

Thais Mendes

**REVISÃO**

Marcelo Almada

**PROJETO GRÁFICO**

Marcio Freitas e Renato Essfelder

**REVISTA DIGITAL**

Ana Paula Fray, Larissa Carvalho e Marilu Vecchio



**DIREÇÃO EXECUTIVA**

Valter Vicente Sales Filho

**DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO**

Regina Gambini

**COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO**

Juliano de Souza

**COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO**

Carlos Padilha

**COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO**

Adriana Reis

**DIVULGAÇÃO**

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

**ESTAGIÁRIA**

Carolina Pulice

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site [sescvtv.org.br/aovivo](http://sescvtv.org.br/aovivo)

Acompanhe o SescTV: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)



/sescvtv



Baixar grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: [atendimento@sescvtv.sescsp.org.br](mailto:atendimento@sescvtv.sescsp.org.br)

Leia as edições anteriores em: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



# Galáxia S

olhares sobre o Brasil

direção: Isa Grinspum Ferraz

quartas | 21h

Foto: Míria Ninja

Assista online:

[sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)



/SESCTV